

## SISTEMA FINANCEIRO

APLICAÇÕES

# Ouro é o investimento mais rentável do mês e do ano

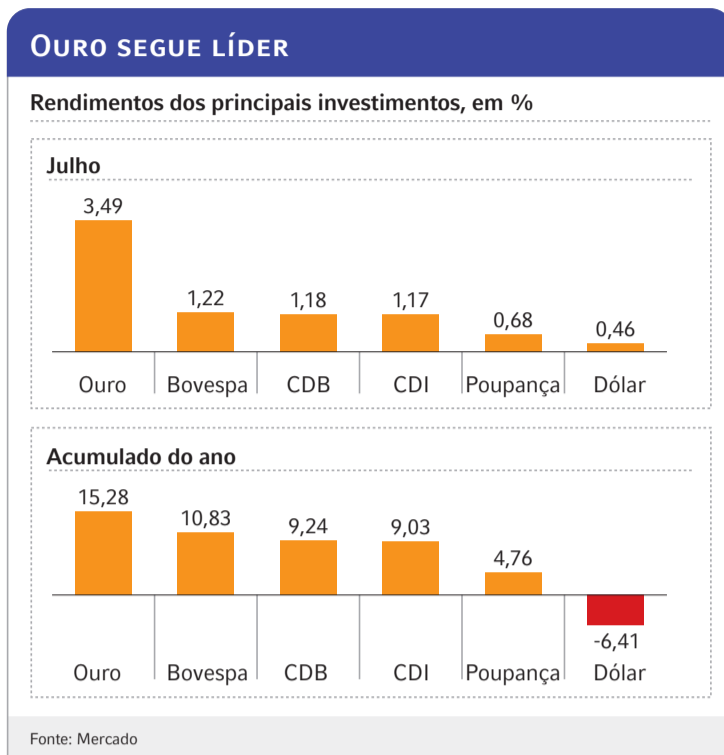
Incertezas na economia mundial fazem do ouro a melhor opção de investimento em julho e no ano, com altas de 3,49% e 15,28%, respectivamente

SÃO PAULO  
Instabilidades no preço do petróleo, na taxa de juros norte-americana e, por consequência nas bolsas de todo o mundo, somados aos conflitos no Oriente Médio são fatores que colocam o ouro como a aplicação mais rentável aos investidores no mês de julho e também em 2006.

A rentabilidade acumulada no ano pela *commodity* chega a 15,28%. Apenas em julho o ouro valorizou 3,49% e encerrou o mês cotado a R\$ 44,50. Ao final de 2005 este valor era de R\$ 38,60. "O ouro é um ativo que entra na carteira dos investidores como uma forma de diversificação em casos de cenários não tão benignos", explica o administrador de investimentos, Fábio Colombo.

Na opinião de Colombo, não dá para dizer que a *commodity* vai continuar com essas *performances*. Porém, se os conflitos no Oriente Médio e as dúvidas sobre outras moedas como o dólar continuarem, a cotação do metal pode ser beneficiada.

O segundo investimento com melhor retorno em julho foi o



mercado de capitais. O índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa) valorizou 1,22% e terminou o mês aos 37.077 pontos. No ano, a alta do índice é de 10,83%, mas já chegou a ser de 25,5% antes do *Federal Reserve* (Banco Central dos Estados Unidos) dar sinais de preocupação em relação à alta da inflação.

Para o analista da consultoria Austin Ratings, Alex Agostini, o Ibovespa tem condições de voltar ao patamar dos 40 mil pontos até o final de 2006. Na prática, isto aponta que o índice ainda tem potencial de valorização superior aos 7% para o restante do ano. "As

bolsas já ajustaram bastante para baixo desde que o Fed sinalizou mais altas nos juros em maio", afirma Agostini.

Os fundos CDB e CDI vêm na seqüência do Ibovespa no *ranking* das aplicações mais rentáveis no mês com valorização de 1,18% e 1,17%, respectivamente. "A taxa de juros ainda segue alta, o que assegura um bom retorno ao investidor de CDB e CDI", diz Carlos Fagundes, professor de Macroeconomia do Ibmec São Paulo. A alta do CDB no ano é de 9,24% e do CDI de 9,03%.

De acordo com o professor, os juros ao final do ano devem ser de

14% ou 14,25% e, por isso, os investimentos em CDBs e CDIs garantem segurança sem margem para surpresas aos investidores.

A poupança aparece como a quinta melhor opção de aplicação em julho com alta de 0,68%. A valorização de 2006 da poupança é de 4,76%.

O dólar segue como pior alternativa para os investidores, com 0,46% de rentabilidade no mês passado e um saldo negativo de 6,41% no ano. Mesmo com o pacote cambial — anunciado pelo governo federal no final do mês — a expectativa do mercado financeiro para o restante do ano não é animadora.

"Talvez quando o Banco Central regulamentar a cotação suba. Mas, mesmo assim, não creio em uma desvalorização substancial do real", declara Marcos Forgione, analista de câmbio da corretora Souza Barros. Para Forgione, o pacote cambial atende muito mais as necessidades dos grandes exportadores do que dos pequenos médios.

Segundo Fagundes, mesmo com as alterações o Brasil continuará "com uma oferta maior do que a procura por dólares, o que diminui as chances de uma elevação na cotação".

GUILHERME MANECHINI

Já publicamos 2507 reportagens sobre

## APLICAÇÕES

Para mais informações sobre esse tema, use nosso buscador nos sites:

www.dci.com.br  
www.panoramabrasil.com.br

SEGUROS

# Classes de menor renda demonstram interesse por seguros

SÃO PAULO

O instituto de pesquisa e consultoria Data Popular estima que aproximadamente 10 milhões de famílias das classes C e D estão propensas a adquirir seguros. O estudo, encomendado pela seguradora Aon Affinity, apontou que as opções oferecidas através de parcerias com o varejo e por contas de água e luz representam um importante canal para atingir este segmento populacional.

O instituto, especializado na base da pirâmide de renda, apontou que cerca de 95% das pessoas que compõem essa camada da população — inseridas nas classes C e D — percebem o investimento em seguros como algo positivo. "O produto acaba sendo uma garantia para que nada atrapalhe o futuro dos filhos", explica Renato Meirelles, sócio-diretor do Data Popular.

Apesar das classes de menor poder aquisitivo se interessarem por modalidades de seguros, há dúvidas relacionadas aos produtos. Os pesquisados acreditam que a categoria é vista como algo inacessível e distante, sendo restrito às classes com maior poder aquisitivo.

Entre os fatores que geram confusão estão os altos valores cobrados, os canais considerados intimidantes como bancos, corretores e empresas especializadas, o conhecimento limitado da categoria e uma comunicação em geral dirigida às clas-

→ PREVENÇÃO

«Os seguros são entendidos pelas classes C e D como uma garantia para que nada atrapalhe o futuro da família»

RENATO MEIRELLES  
DIRETOR DA DATA POPULAR

ses de maior renda. Os seguros permanentes, como os de vida, são os que geram maior interesse para famílias, já que garantem uma certa segurança em um momento de fatalidade. Cerca de 67% dos entrevistados pensam em adquirir apólices referentes a este segmento. Outra categoria bem avaliada é a dos seguros que garantem uma renda alternativa em caso de desemprego. O interesse pelo produto fica em torno de 50% na cidade de São Paulo.

O levantamento do instituto avaliou o perfil dos clientes potenciais com base em amostra de indivíduos das classes C e D, de ambos os sexos, com faixa etária entre 18 e 60 anos. Foram formados grupos de discussão em Recife e São Paulo, além da aplicação de 1.500 questionários aos responsáveis pela decisão de se adquirir ou não seguros, nas cidades de Belo Horizonte, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e São Paulo.

VANESSA CORREIA

RESULTADOS

## HSBC admite que pode fazer novas aquisições para crescer no Brasil

O banco britânico registrou no Brasil um aumento de 36% — de US\$ 185 mi para US\$ 251 mi — no seu Ebitda

LONDRES // O novo executivo chefe do HSBC, Michael Geoghegan, disse ontem que a estratégia global do banco britânico continua concentrada no crescimento orgânico, mas não descartou a possibilidade de aquisições no mercado brasileiro. "Além do crescimento orgânico, poderemos fazer novas aquisições no Brasil, desde que surjam oportunidades com o preço justo", disse Geoghegan, após apresentar os resultados mundiais do primeiro semestre do HSBC em Londres. O banco britânico registrou no Brasil um aumento de 36% — US\$ 185 milhões para US\$ 251 milhões — no seu lucro antes da dedução de impostos no primeiro semestre ante o mesmo período do ano passado.

O HSBC é considerado um dos principais candidatos estrangeiros a realizarem aquisições de porte no mercado bancário brasileiro. A recente ascensão de Geoghegan ao cargo de executivo chefe alimentou nos últimos meses os rumores de que o banco poderia aumentar sua presença no País. Entre 1997 e 2003, ele chefiou a entrada do HSBC no mercado

brasileiro e conhece muito bem o segmento bancário do País. Geoghegan visitará o Brasil no dia 26 de agosto, durante viagem que incluirá 19 cidades em várias partes do mundo. Durante a apresentação dos resultados, o executivo salientou que o banco "vê boas oportunidades para crescimento na América do Sul e América Central". Há dez dias, o HSBC comprou por US\$ 1,8 bilhão o Grupo Banistmo, do Panamá, o maior banco da América Central.

Em seu relatório para acionistas, o HSBC disse que a atividade econômica no Brasil registrou no primeiro semestre uma recuperação moderada, ancorada principalmente na demanda doméstica, e a inflação seguiu numa trajetória de queda. O HSBC anunciou mudanças nos cargos de comando de suas operações no Brasil e na América Latina. A partir de outubro, o novo presidente do HSBC Brasil será Emilson Alonso, que ocupa atualmente o cargo de executivo chefe da filial brasileira.

O lucro global do HSBC antes da dedução de impostos saltou de US\$ 10,6 bilhões para US\$ 12,5 bilhões, um crescimento de 18% que superou as expectativas da maioria dos analistas do mercado financeiro. Esse desempenho resultou de uma forte expansão no faturamento orgânico, que superou a altanosa custos.

AGÊNCIA ESTADO | BLOOMBERG

## Notas

**Souza Cruz** A Souza Cruz informou ontem que o lucro líquido consolidado do primeiro semestre foi de R\$ 346,9 milhões, 9,5% superiores aos R\$ 316,8 milhões registrados em 2005. O faturamento bruto da empresa no primeiro semestre foi 7,0% superior ao do mesmo período de 2005.

**Marcopolo** Mesmo com o dólar mais baixo, a receita bruta da Marcopolo cresceu 2% na comparação com 2005, atingindo de R\$ 920,6 milhões. Já a receita líquida registrou um incremento de apenas 0,5%, acumulando R\$ 783,7 milhões. Os ganhos com as exportações em reais tiveram queda de 17,5%.

RESULTADOS

## Lucro do ABN Amro sobe 23% no 2º tri

AMSTERDÃ

O lucro líquido do ABN Amro Holding aumentou 23% no segundo trimestre deste ano, para 1,22 bilhão de euros (US\$ 1,56 bilhão), com a taxa de juros menor compensando o aumento das provisões. Em igual período de 2005, a instituição lucrou 987 milhões de euros.

O grupo anunciou ainda um novo programa de recompra de 750 milhões de euros em ações, depois de concluir recentemente a aquisição de 600 milhões de euros em papéis. No segundo trimestre, o lucro operacional do banco subiu 25% na comparação com o mesmo período em 2005,

de 1,42 bilhão de euros para 1,78 bilhão de euros.

O ABN Amro comunicou também nesta segunda-feira a venda da Bouwfonds, por 1,69 bilhão de euros. As atividades de bens imobiliários e administração de ativos ficaram com o Rabobank, por 845 milhões de euros, enquanto as operações de financiamento de propriedades foram compradas pelo SNS Reaal, por 840 milhões de euros. Segundo o banco, os últimos detalhes da operação devem ser acertados antes do final do terceiro trimestre e a venda resultará em um ganho líquido de cerca de 350 milhões de euros.

AGÊNCIA ESTADO | BLOOMBERG



## CADERNO ESPECIAL AGRONEGÓCIOS

# O CAFÉ

A recomposição de preços no mercado interno está sendo favorecida pela redução na produção mundial, que registrou um déficit em sacas no ano de 2005 em comparação com 2004. Em contrapartida, o consumo mundial neste ano aumentou, numa estimativa que deve chegar a 115 milhões de sacas, segundo a **Organização Internacional do Café (OIC)**.

O grande desafio para 2006 é sustentar um cenário de suporte aos preços externos e internos para essa *commodity*, que no Brasil gera 8,4 milhões de postos de trabalho e é a principal fonte de renda para cerca de 300 mil produtores em 14 estados.

Este é o segundo Caderno Especial que o **DCI - Diário Comércio, Indústria e Serviços** publica, dentro da **Visão Setorial "Agronegócios"**. Com uma pauta exclusiva para o setor Cafeeiro, o caderno vai circular no dia 21 de agosto, com uma tiragem de 40.000 exemplares encartados na edição nacional do DCI.



Acesse: [www.dci.com.br/agronegocios](http://www.dci.com.br/agronegocios)

**FIQUE POR DENTRO DESTA EDIÇÃO - ANUNCIE!**

(11) 5095-5300/5301

Publicação: 21/8/2006 - Autorização: 15/8/2006 - Material: 16/8/2006